

A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Canoas, RS, maio de 2013

Alexandre Moroni – Centro Universitário La Salle - moroni.alexandre@gmail.com

Aline Accorssi - Centro Universitário La Salle - aline.accorssi@unilasalle.edu.br

Categoria: F

Setor Educacional: 3

Classificação das Áreas de Pesquisa em EAD

Macro: B / Meso: K / Micro: O

Natureza: B

Classe: 1

RESUMO

Este artigo consiste em um estudo sobre a participação das mulheres na educação a distância, baseado nos dados apresentados no Censo da Educação Superior 2010, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP e no Censo EAD.BR 2011, pela Associação Brasileira de Educação a Distância - ABED. A partir da apresentação e análise desses dados e o perfil da mulher contemporânea, as características dessa nova mulher serão relacionadas às possíveis vantagens proporcionadas pela EAD.

Palavras-chaves: mulheres; educação a distância; educação superior; INEP, ABED.

1. INTRODUÇÃO

A educação a distância, que no Brasil iniciou de forma artesanal enviando materiais didáticos pelos correios através das vias férreas, superou limitações tanto geográficas quanto de recursos disponíveis com o desenvolvimento das novas tecnologias da informação e da comunicação, apresentando uma nova forma de democratização do ensino. Possibilitou o ingresso de pessoas antes impedidas de estudar, devido a limitações geográficas, físicas, sociais e econômicas. Atualmente, a procura e a escolha por cursos nesta modalidade apresentam números bastante expressivos e seu processo de expansão continua crescente e acelerado. Entre esses números destaca-se a presença feminina, pois a história das mulheres na educação superior é recente, iniciando apenas há algumas décadas.

Ao longo dos tempos, resultado de lutas sociais e processos de emancipação ainda em curso, as mulheres conquistaram novos espaços na sociedade, deixando de ser coadjuvantes para assumir um papel diferente, com novas responsabilidades, possibilidades, liberdades e ambições. Embora elas ainda sejam as maiores responsáveis pelos seus lares, não permanecem restritas somente a isso, além de buscarem a consolidação no mercado de trabalho e ser presença significativa em cursos superiores, estão à frente de organizações, empresas, escolas, universidades e países ^[1].

A partir da evolução na história, tanto das mulheres quanto da educação a distância, o presente estudo tem o propósito de analisar, a partir dos dados apresentados no Censo da Educação Superior 2010 pelo INEP (período de 2001 a 2010) e no CensoEAD.BR 2011 da ABED (biênio 2010/2011) como tem se configurado a participação das mulheres em cursos na modalidade a distância nas instituições de ensino superior brasileiras.

Este artigo está organizado em cinco seções, incluindo esta introdução. Na seção dois será apresentado um breve resgate da história da educação a distância no Brasil, desde sua implantação até os dias atuais. A seção três apresenta os resultados das pesquisas realizadas pelo INEP e pela ABED, em relação à distribuição de alunos por sexo que optam por estudar nessa modalidade, já na seção quatro serão apresentadas algumas conquistas das mulheres ao longo dos tempos que impactaram no perfil da mulher contemporânea. Comentários finais serão apresentados na seção cinco.

2. UM BREVE RESGATE HISTÓRICO DA EAD NO BRASIL

Mesmo que, em alguns momentos de sua história, a educação a distância no Brasil esteve estagnada por falta de políticas públicas de incentivo, a sua trajetória é repleta de êxitos, pois através de programas de qualidade grandes contribuições foram dadas para a democratização da educação, fazendo com que a mesma alcançasse regiões distantes dos grandes centros [2]. A sua evolução pode ser dividida em três gerações: a primeira geração se caracteriza predominantemente pela comunicação através de material impresso, enviado através dos correios. A segunda geração foi impulsionada pelos avanços tecnológicos, nos quais a educação passa a ser difundida através de programas radiofônicos e televisivos e na terceira geração se apresentam as novas tecnologias da informação e da comunicação – NTIC's [3].

Embora a história referencie que a primeira geração da educação a distância iniciou no Brasil por volta de 1900, época em que professores particulares anunciavam em jornais seus cursos profissionalizantes, a referência oficial deu-se em 1904, com a instalação de escolas internacionais que ofertavam cursos por correspondência, cujos materiais didáticos eram enviados pelos correios. Esses cursos visavam capacitar pessoas principalmente na área do comércio e serviços [2].

Em 1923, inicia a segunda onda que deu um grande salto nessa modalidade. Através da iniciativa privada, foi fundada a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, tendo como principal objetivo levar a educação popular através das ondas do rádio, que por possuir um enorme alcance em termos geográficos e facilitar o acesso à informação por pessoas de baixa renda, mobilidade e baixo custo, impulsionaram a educação a distância no país [4]. A partir daí, os programas ditos educativos se proliferaram e refletiram não somente no Brasil, como em todo o continente americano [2]. Em 1937, com a criação do Serviço de Radiodifusão do Ministério da Educação, inúmeros programas foram sendo inseridos no Brasil, tais como: Escola Rádio-Postal e a Voz da Profecia, seguidos pelo SENAC e pelo SESC, que em 1946 patrocinaram a Universidade do Ar chegando ao alcance de 318 localidades, atendendo a 80 mil alunos [5].

A Igreja Católica criou, em 1959, escolas através do rádio, originando o Movimento de Educação de Base – MEB, considerado um marco na educação a distância não formal no Brasil. Projetos ligados ao Governo Federal, como o Mobral, atingiram e auxiliaram boa parte da população brasileira através do rádio. Em 1969 ocorreu uma estagnação nos incentivos e iniciativas em relação a esses projetos, praticamente desmontando a educação via rádio. Hoje ainda existem alguns programas educativos quase sem apoio dos órgãos oficiais ^[2].

Nas décadas de 60 e 70, entra neste cenário a televisão que teve vários incentivos no Brasil. Através do Código Brasileiro de Telecomunicações, de 1967, foi determinado que as emissoras de televisão deveriam transmitir programas, bem como deveriam ser criados canais de televisão exclusivamente educativos ^[2]. Surge então o Programa Nacional de Teleducação – Prontel, que inicialmente utilizava o ensino por correspondência, passando a utilizar o rádio e a televisão e em 12 anos, acumulou 1.403.105 matrículas, distribuídas em 40 cursos diferentes. Dados oficiais afirmam que, em 1971, as emissoras educativas atingiram 94% da população no país ^[5].

Logo no início da década de 90, as emissoras de televisão não têm mais obrigações em relação aos programas educativos e, a partir daí, houve um grande retrocesso ^[5]. Atualmente esses programas ainda são exibidos atendendo um enorme número de pessoas, como os Telecursos, as TVs Universitárias, o Canal Futura, a TV Cultura e a TV Escola.

A terceira geração foi marcada a partir da informática com a disseminação das NTIC's. São criados os ambientes virtuais de aprendizagem – AVA's, e com eles ferramentas que possibilitam a interação e o compartilhamento de informações em tempos diferentes, possibilitando assim a aquisição das informações de formas distintas (vendo, ouvindo e vivenciando), o que torna o processo de construção do conhecimento mais atrativo. Esses ambientes permitem que grupos de pessoas, mesmo dispersos fisicamente, possam interagir, compartilhar, construir e habitar o mesmo espaço utilizando ferramentas como: fóruns de discussão, *chats*, bibliotecas virtuais, *e-mail*, espaços *wiki*, *webconferências* e todo acervo de informações disponibilizado na grande rede de computadores.

A realidade da EAD no Brasil mudou significativamente desde a sua implantação, o que hoje reverte em um grande aumento na procura por cursos

nesta modalidade. Somente entre os anos de 2010 e 2011, foi registrado um aumento de 58%, atendendo aproximadamente 3,5 milhões de estudantes [6].

3. A DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS EM EAD POR SEXO

Como o Brasil apresenta uma grande desigualdade social, a educação mediada por tecnologias vem ganhando bastante espaço, pois permite que um grande número de pessoas com objetivos comuns, espalhados por todas as regiões do país, possa ter acesso ao conhecimento com a facilidade de não ter que se deslocar para os grandes centros [7].

A partir do ano 2000, o INEP passou a coletar uma série de informações sobre os cursos presenciais e a distância ofertados no país, através do Censo da Educação Superior. Com base nos resultados apresentados no Censo de 2010, a educação a distância apresenta um crescimento exponencial nos últimos dez anos, atingindo em 2010, 14,6% das matrículas. Analisando mais detalhadamente os dados apresentados no Censo, o atendimento por sexo chama a atenção, pois as matrículas nos cursos de graduação no período de 2001 a 2010, tanto na modalidade presencial quanto na modalidade a distância, são em sua maioria femininas com uma média de 56,6%, enquanto os homens apresentam a média de 43,4%. Só no ano de 2010, do total de 6.379.299 matrículas, 57% são femininas, ou seja, 3.636.200 são mulheres e 2.743.099 são homens [8].

Outro dado bastante interessante apresentado no Censo é em relação aos alunos que concluem seus cursos superiores, no mesmo período, as mulheres também são maioria mantendo uma participação constante com média de 61,8%, enquanto os homens apresentam a média de 38,2%. O ano de 2002 se destaca por apresentar o maior índice feminino entre os alunos concluintes, 63%, já o ano de 2007 apresenta o menor índice, 60,1% [8].

Informações mais específicas sobre a educação a distância são reunidas no Censo EAD BR: relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil pela ABED, onde através dos dados apresentados confirma-se a presença majoritária das mulheres em cursos nessa modalidade, mantendo o índice de 57% dos alunos nos cursos autorizados, nas disciplinas obrigatórias e em cursos livres enquanto os homens mantêm o índice de 43%. Embora nos

cursos corporativos, oferecidos por empregadores a seus funcionários, os homens sejam maioria, 52%, em comparação ao Censo de 2010, as mulheres apresentaram um aumento de 2% em sua participação. Ainda em relação ao Censo de 2010, a participação feminina também aumentou em torno de 6% nos cursos autorizados e 1% nos cursos livres [6].

A partir dos dados apresentados pelo INEP, observam-se, no período de 2001 a 2010, o crescimento da procura por cursos a distância, a presença majoritária das mulheres tanto nos cursos de graduação presencial quanto nos cursos ofertados na modalidade a distância e a superioridade das mulheres entre os alunos concluintes nas duas modalidades. Já em relação aos dados apresentados pela ABED, especificamente relacionados à EAD, no biênio 2010/2011, as mulheres aparecem em maior número e apresentam crescimento maior do que o dos homens em todos os tipos de curso.

4. A MULHER AMPLIANDO O SEU ESPAÇO

O contexto histórico brasileiro foi e, de certo modo, ainda o é, marcado por uma cultura patriarcal e conservadora, onde a mulher foi retratada em um papel de subordinação ao pai, ao irmão e ao marido, sugerindo assim que ao longo de suas vidas elas fossem tuteladas pelos homens. Estudar era um privilégio dos filhos homens, deixando as filhas mulheres em segundo plano, educadas em casa por suas mães e avós onde aprendiam apenas funções domésticas como cozinhar, costurar e bordar. Somente em 1879, as mulheres, de forma gradativa, tiveram acesso ao ensino superior. A partir daí o ingresso das mulheres nas universidades tem crescido significativamente, superando o contingente dos homens em 23,6% [8].

Especificamente na educação a distância, a participação feminina deu um grande salto em relação à masculina entre a primeira geração e a geração atual. Na primeira geração a participação das mulheres era pouco expressiva, procurando principalmente cursos de corte e costura com o intuito de auxiliar na economia doméstica, os homens eram a grande maioria, em torno de 90%, e procuravam cursos técnicos em eletricidade, rádio e televisão com o objetivo de melhorar economicamente e conquistar a independência financeira [9]. Já na terceira geração as mulheres se apresentam como maioria absoluta dos alunos

nessa modalidade, mantendo uma diferença média de 9,5% acima dos homens, apresentando uma participação na EAD de 54,75% enquanto que os últimos mantêm a média de 45,25% [6].

Segundo o Censo Demográfico 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o crescimento das mulheres no mercado de trabalho é reforçado pelo avanço nos estudos, onde as mulheres apresentam um maior grau de instrução. Enquanto 50,1% das mulheres ocupadas com mais de 24 anos possuem o ensino médio ou ensino superior completo, 61,3% dos homens não têm instrução ou não completaram o ensino fundamental [10]. As novas tecnologias também têm um papel fundamental neste processo, pois através delas o trabalho braçal é cada vez menos exigido, potencializando o trabalho intelectual, criando assim condições favoráveis para as mulheres diversificarem ainda mais suas atividades profissionais [11].

Com o crescimento no grau de instrução [10] e o auxílio das novas tecnologias [11], a mulher mais segura e determinada se consolida no mercado de trabalho lutando de igual para igual com os homens. Esta nova mulher não se restringe a funções antigas, ou seja, busca papéis de comando e liderança em diferentes espaços. Além disso, ao estudar mais, ao colocar a carreira em posição de maior importância, tende a casar mais tarde, optando por ter menos filhos, assumindo o comando de sua família e vida. A mulher, nos dias atuais, pode ser retratada como uma mulher polivalente, centrada, eficiente e eficaz no desenvolvimento das mais diversificadas funções, tanto a frente de seus lares quanto entre profissionais renomados no mercado de trabalho. No dia a dia é comum encontrar mulheres pedreiras, frentistas de posto de gasolina, advogadas, engenheiras, médicas, empresárias, políticas, entre outras ocupações que assumem apoiadas em suas múltiplas habilidades [11].

Apesar dessas mudanças no papel social da mulher, nos últimos 10 anos aumentou a participação delas no mercado de trabalho em 24% enquanto a proporção de homens evoluiu apenas 3,6%, este resultado não se refletiu em equidade salarial, pois os homens continuam ganhando em média 35% a mais que as mulheres, ainda que desempenhem as mesmas funções profissionais, reforçando assim a discriminação salarial sofrida pelas mulheres. A média salarial deles no ano de 2010 era de R\$ 1.461 mensais e a delas era de R\$ 1.070 [12].

Mesmo com o aumento expressivo da participação feminina no mercado de trabalho, suas dificuldades em relação às remunerações e promoções e suas reivindicações de que o trabalho doméstico seja compartilhado com os homens e o Estado, nos dias de hoje, um grande número de mulheres continuam acumulando as funções domésticas, absorvidas culturalmente, como se fossem suas obrigações, cumprindo “uma jornada dupla e/ou intensiva de trabalho doméstico” [13]. Comparando homens e mulheres, casados e ativos, no mercado de trabalho com a mesma carga horária constata-se que as mulheres cumprem uma média de cinco horas de trabalho a mais que os homens, cumprindo seu trabalho remunerado fora de casa e em seus lares, evidenciando a dedicação delas aos trabalhos domésticos. Situações como essas geram uma sobrecarga para aquelas que precisam manter seus empregos, principalmente em relação ao tempo [13].

Ainda que as mulheres apresentem índices mais elevados em relação ao ingresso e conclusão em cursos superiores, maior nível de escolaridade, crescimento mais expressivo no mercado de trabalho, diminuição da diferença salarial entre os gêneros [12] e a dupla jornada de trabalho, elas ainda sofrem discriminação por parte da sociedade. Embora a história evidencie as conquistas das mulheres perante a sociedade, algumas barreiras ainda tem que ser derrubadas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passou-se o tempo da Amélia que era mulher de verdade, retratada na música de Mário Lago e Ataulfo Alves em 1941, popularmente conhecida como dona de casa, que vivia o dia inteiro lavando, passando e cozinhando entre outras funções domésticas. Em sucessivos anos de lutas e reivindicações, as mulheres aos poucos foram conquistando o seu espaço na sociedade. Como exemplo dessas conquistas pode-se referenciar o ingresso nas escolas elementares, em instituições de ensino superior, o direito de voto, o ingresso na política, nos esportes, as delegacias especializadas no atendimento às mulheres e as eleições de mulheres em diversos cargos governamentais.

Atualmente, a mulher já é maioria no mercado de trabalho e busca nele a sua consolidação, pois ainda sofre preconceito por exercer funções menos

prestigiadas e receber salários inferiores ao dos homens. Para melhorar esta situação a qualificação se apresenta como uma excelente alternativa e a mulher atenta a isso já aparece como maioria nos cursos de graduação, tanto na modalidade presencial, quanto a distância.

Em se tratando da realidade das mulheres, em decorrência da busca por melhor qualificação e dos salários mais baixos, fatores que podem justificar o crescimento expressivo na procura por cursos EAD ^[7] podem ser: o custo-benefício, pois além do valor das mensalidades serem mais baixos, os gastos com transporte e alimentação diminuem consideravelmente; o alcance geográfico que dispensa o deslocamento para os grandes centros. Também, com a jornada dupla de trabalho, atividade profissional remunerada e trabalho doméstico, além do custo-benefício e do alcance geográfico a educação a distância apresenta outras vantagens como: autonomia, permitindo que o estudante organize-se sozinho em seus estudos e utilize-se das tecnologias disponibilizadas adequando-as aos seus interesses individuais na construção da aprendizagem, e a flexibilidade nos horários de estudo, oportunizando-os a dedicar seu tempo aos estudos conforme suas necessidades e disponibilidade, em qualquer horário e local.

A educação a distância proporciona uma oportunidade ímpar para essas mulheres que aspiram a uma formação superior com qualidade, que lutam de igual para igual com os homens por melhores posições e remunerações no mercado de trabalho e que aspiram melhores condições econômicas e bem-estar para si e para os seus familiares. Este estudo apresenta hipóteses para o crescimento da participação feminina na educação a distância, ficando como perspectiva de realização futura uma pesquisa de campo que venha a compreender efetivamente esse crescimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[1] RIBEIRO, Paulo Silvino. **O papel da mulher na sociedade**. Brasil Escola. 31 jul. 2011. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/sociologia/o-papel-mulher-na-sociedade.htm>>. Acesso em: 29 dez. 2012.

[2] ALVES, João Roberto Moreira. In: Educação a distância: o estado da arte. **A história da EAD no Brasil**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p. 9-13.

- [3] BELLONI, M. L. **Educação a distância**. Campinas-SP: Autores Associados, 2009. p. 56.
- [4] MARTINS, Mara Lúcia. Roquette Pinto: o precursor da educação no rádio. **Revista Educação**, 2005. ISSN: 1984-6290. Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0069_06.html>. Acesso em: 9 dez. 2012.
- [5] MARQUES, Camila. Educação: ensino a distância começou com cartas aos agricultores. Folha On Line, 29 set. 2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u396511.shtml>>. Acesso em: 9 dez. 2012.
- [6] ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância. **Censo EAD.BR**: relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.
- [7] SOUZA, Graziela Santana de; LEAL, Tiago Anderson Carneiro e Silva. Educação a distância no Brasil: mudança social e tecnológica. **Administradores.com**, 20 jun 2010. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/informe-se/artigos/educacao-a-distancia-no-brasil-mudanca-social-e-tecnologica/45755/>>. Acesso em: 17 dez. 2012.
- [8] INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da educação superior: 2010** – resumo técnico. – Brasília: INEP, 2012.
- [9] PALHARES, Roberto. In: Educação a distância: o estado da arte. **Aprendizagem por correspondência**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p. 48-55.
- [10] IBGE – Instituto Nacional de Geografia e Pesquisa. **Censo 2010: mulheres são mais instruídas que homens e ampliam nível de ocupação**. Comunicação Social, 19 dez. 2012. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2296&id_pagina=1>. Acesso: 27 dez. 2012.
- [11] RIBEIRO, Fátima. **A mulher como diferencial competitivo**. Disponível em: <http://www.felicitas.com.br/texto/mulher_diferencial_competitivo.htm>. Acesso em: 11 jan. 2013.
- [12] BRODBECK, Pedro. Mulheres ganham espaço, mas o salário não segue. **Caderno de Economia – Jornal de Londrina**, 20 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.jornaldelondrina.com.br/economia/conteudo.phtml?tl=1&id=1329531&tit=Mulheres-ganham-espaco-mas-o-salario-nao-segue>>. Acesso em: 27 dez. 2012.
- [13] MADALOZZO, Regina; MARTINS, Sergio Ricardo; SHIRATORI, Ludmila. **Participação no mercado de trabalho e no trabalho doméstico**: homens e mulheres têm condições iguais? Florianópolis, Revista Estudos Feministas, 2010. p. 547-566.